



Pedidos de ajuda alimentar sobem em tempo de pandemia e mostram “necessidades envergonhadas”

As consequências económicas da pandemia estão a levar muitas famílias a pedir apoio alimentar, registando-se uma alteração do padrão social de quem beneficia de apoio, com “necessidades envergonhadas” entre a classe média, segundo instituições que estão no terreno, em Vale de Cambra.

A Santa Casa da Misericórdia de Vale de Cambra (SCMVC) é uma das várias instituições do concelho, parceiras no apoio do Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas (PO PMC) - um instrumento de combate à pobreza e à exclusão social em Portugal. Em parceria com a delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Vale de Cambra, as duas instituições têm apoiado famílias carenciadas e têm tido um papel de intervenção mediante apoio alimentar e outros bens de consumo básico, mas também no desenvolvimento de medidas de acompanhamento que capacitem as pessoas mais carenciadas a vários níveis, promovendo assim a sua inclusão. As instituições viram aumentar “de 85 para 138” as pessoas a quem prestam auxílio alimentar, mas este número foi ainda maior durante o decorrer do ano de 2020 que atingiu as 58 famílias (171 pessoas) das quais algumas com crianças, destacou o presidente da delegação da Cruz Vermelha, José Roque, ao Voz de Cambra, sublinhando que os números podem continuar a subir. “Entre o início e o fim do ano, houve um

aumento de cerca de 60%, no entanto atingiu quase o dobro se atendermos ao apoio dado ao longo do ano, no programa alimentar em colaboração com a Santa Casa (PO APMC), explicou o responsável em declarações ao Voz de Cambra. Para além da colaboração neste programa, a delegação da Cruz Vermelha de Vale de Cambra tem a seu cargo, o Banco Alimentar e, também aqui o número de famílias, a pedir ajuda disparou com a pandemia. “No início do ano, tínhamos 52 famílias inscritas (90 pessoas), ao longo do ano surgiram mais 41 famílias (112 pessoas) que não estavam na nossa lista inicial, ou seja, estamos a apoiar um total de 93 famílias com 202 pessoas”, adiantou. Com vários anos dedicados ao apoio aos mais necessitados, a Cruz Vermelha, para além de ver aumentar os pedidos de ajuda alimentar nos últimos meses, também se apercebeu que a faixa já não está inserida nos “típicos” grupos de risco, conta o presidente da instituição. “Para além dos pedidos de ajuda alimentar, aos quais temos conseguido ir respondendo, graças também às várias campanhas que foram sendo realizadas, nomeadamente na televisão, bem como uma local que realizamos em dezembro numa superfície comercial do concelho, temos muitos pedidos de apoio económico para rendas de casa, faturas de luz, gás e água, bem como pedidos de apoio em medicação”, explicou. Há situações de perda de emprego, de dificuldade no pagamento de rendas e o responsável não perspetiva melhorias, principalmente por causa da redução de horas extra de muitas destas pessoas, bem como o facto de terem aumentado as despesas com os filhos em

confinamento. “A perda de rendimento das famílias advém de situações de perda de emprego, mas também por diminuição do número de horas de trabalho, nomeadamente horas extra. O facto das crianças estarem em casa também aumenta os encargos com a alimentação”, referiu. “Neste momento ainda não estabilizámos, os pedidos de ajuda são constantes. Temos famílias a entrar, com agregados grandes, com crianças, e acreditamos que os próximos tempos vão ser muito complicados, iremos ter um acréscimo de pedidos de ajuda”, frisou. Em declarações ao Voz de Cambra, o responsável fala mesmo de uma “nova realidade envergonhada”, com famílias de classe média agora apoiadas.

“Há de facto alguma vergonha, nalgumas famílias que se veem obrigadas a pedir ajuda. O perfil de famílias que recorrem à nossa ajuda é muito diferente daquele a que estávamos habituados - são famílias com hábitos de trabalho, com vidas organizadas que, neste momento, não conseguem suportar as despesas que têm”, explica. Para além disso, há também o problema daqueles que escolheram o país e o concelho para trabalhar, vindo de outros países e que, com a pandemia, perderam os seus empregos. “Temos também um grande número de agregados familiares que vieram do Brasil, com empregos garantidos e que com a pandemia viram os seus contratos caducados e que tentam arranjar outro trabalho. Estas famílias também se caracterizam por ter crianças pequenas, alguns com dois e três filhos”, concluiu. Para quem precisar recorrer ao apoio do Gabinete deve contactar a instituição e fazer a marcação para ser analisada a situação.

O provedor da Misericórdia de Vale de Cambra, António de Pina Marques, acredita “que o número de pessoas a precisar de apoio será substancialmente maior, mas os critérios definidos são de alguma forma limitadores pois os plafonds de rendimentos são muito baixos e não contemplam alguns encargos ou despesas das famílias”. Também a técnica da Santa Casa responsável por este projeto, Sandra Tavares, adianta, que “as quantidades e tipo de produtos entregues às instituições mostraram-se desajustados e obrigaram as instituições, nomeadamente a Santa Casa a ter de investir em equipamentos de frio e afetar espaço de armazenamento que condiciona a sua logística habitual para corresponder às necessidades”. O provedor salienta ainda que “a Santa Casa, enquanto parceira, tem dado e recebido apoio do núcleo da Cruz Vermelha Portuguesa de Vale de Cambra através do gabinete de apoio à família, o que justifica o número de pessoas apoiadas. Este modelo deverá ser revisto para melhor se ajustar às necessidades das pessoas e da logística operacional das instituições”, disse em declarações ao Voz de Cambra.

Também à Santa Casa tem sido crescente o número de pessoas que “batem à porta” a pedir apoio.

■ CRISTINA MARIA SANTOS
cristina@avozdecambra.pt